



OLIVEIRA, Arusha Kelly Carvalho de. Lampião, vingador do povo: uma análise dos cordéis sobre o cangaço. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 18-30. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.1830>

## LAMPIÃO, VINGADOR DO POVO: UMA ANÁLISE DOS CORDÉIS SOBRE O CANGAÇO

### LAMPIÃO, AVENGER OF THE PEOPLE: AN ANALYSIS OF THE CORDÉIS ABOUT CANGAÇO

Arusha Kelly Carvalho de Oliveira<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Ceará – UFC

**RESUMO:** Este trabalho mostra como a figura de Virgulino Ferreira da Silva (1888-1938), cognominado de “o rei do cangaço”, foi no mais das vezes heroicizado nos folhetos de cordéis brasileiros. Com essa constatação, feita a partir da exposição de trechos de cordéis sobre o tema, são apresentados e comentados aspectos sociais, históricos e culturais que ajudam a explicar a heroicização do esposo de Maria Bonita (1911-1938). Dois construtos teóricos foram particularmente importantes para o desenvolvimento dos nossos argumentos: os conceitos de “bandido social”, desenvolvido pelo historiador britânico Eric HOBBSAWN, e o de “revanchismo poético”, trabalhado pela pesquisadora francesa Martine KUNZ. Além dos dois teóricos, cabe ainda dar destaque à relevância que tiveram para esta pesquisa Gustavo BARROSO (2012), Teoberto LANDIM (2005), Humberto MESQUITA (2021), Vera Figueiredo ROCHA (2015) e Francisco Jackson Martins VIEIRA (2012).

**Palavras-chaves:** Cangaço. Lampião. Cordel. Banditismo Social. Revanchismo Poético.

**ABSTRACT:** This work shows how the figure of Virgulino Ferreira da Silva (1888-1938), known as “the king of cangaço”, was most often heroicized in Brazilian cordel pamphlets. Based on this observation, made through the exhibition of excerpts from strings on the topic, social, historical and cultural aspects are presented and commented on that help explain this heroicization of Maria Bonita's (1911-1938) husband. To reach this aim, two theoretical constructs were particularly important for the development of our arguments: the concepts of “social bandit”, developed by the British historian Eric HOBBSAWN, and of “poetic revanchism”, developed by the French researcher Martine KUNZ. In addition to the two theorists, it is also worth highlighting the relevance that had for this research the names of Gustavo BARROSO (2012), Teoberto LANDIM (2005), Humberto MESQUITA (2021), Vera Figueiredo ROCHA (2015) and Francisco Jackson Martins VIEIRA (2012).

**Keywords:** Cangaço. Lampião. Cordel. Social Banditry. Poetic Revanchism.

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências da Educação pela Absoulute Chistian University (Orlando-FLO, EUA). Monitora do Grupo de Estudos Cordelista Arievaldo Viana – GECAV, na Universidade Federal do Ceará – UFC. Autora do livro *Cordel em sala de aula* (2023).

## Introdução

O cangaço é um tema intrinsecamente ligado à história e à cultura do Nordeste do Brasil. Trata-se de um fenômeno social e histórico que envolveu grupos de bandoleiros armados que, entre 1860 e 1940, percorreram a região em busca de justiça, vingança e sobrevivência. Esses bandoleiros, foram liderados por figuras icônicas, como Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, Corisco e, principalmente, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

Cabe lembrar que, em meados do século XIX, no Nordeste, existiam dois grupos principais de bandidos armados e organizados: os jagunços, mercenários que trabalhavam para quem pagava seu preço, geralmente latifundiários que queriam proteger ou expandir seus limites territoriais; e os cangaceiros, "bandidos sociais", que contavam com algum nível de apoio da população mais pobre. Nesse processo,

O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência, ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia: nega-se a partir de um sentimento difuso de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei. (CARDOSO, 2011, p. 2)

As décadas de 1920 e 1930 viram o auge da atividade cangaceira, com os bandos mais proeminentes chegando a cerca de uma centena de bandidos. Estes muitas vezes se comportavam bem com os setores mais pobres da sociedade, realizando atos de caridade, comprando mercadorias por preços mais altos do que o normal de pequenos lojistas e dando festas gratuitas ("bailes"). Já em relação aos ricos, o caso era bem diferente, pois costumavam ser roubados, visados por contribuições monetárias forçadas (extorsão) e, muitas vezes, foram sequestrados, mantidos como reféns e até mesmo assassinados pelos cangaceiros.

Para preservação histórica, o cangaço é uma parte importante da história brasileira, especialmente da região Nordeste. Ao abordar esse tema no cordel, os poetas populares ajudam a preservar as memórias e os eventos associados a esse período, evitando que se percam ao longo do tempo.

A identidade nacional surge quando um escritor elabora um tema ligado à realidade de seu país. O cangaço seria então uma das representações da imagem do Nordeste.

[...]

O cangaço, por exemplo, despertou interesse, pois nele se encontrava uma alternativa para elaborar uma referência regional, por meio dos tipos humanos que se insinuavam no imaginário popular (ROCHA, 2015, p. 44).

Como identidade cultural torna-se parte integrante do Nordeste. Ao abordar esse tema no cordel, os poetas estão contribuindo para a manutenção e fortalecimento dessa identidade, ajudando as gerações mais jovens a entenderem suas raízes culturais.

O cangaço recebeu ampla cobertura na imprensa local e foi amplamente retratado nas artes plásticas, na literatura e no cinema, perdurando como um dos assuntos mais marcantes e polêmicos da história brasileira e cultural. No caso específico do cordel, de tão representado pelos poetas populares, o tema acabou se transformando em um dos ciclos temáticos que ganharam autonomia. E tantos foram os cordéis sobre o tema que Lampião acabou se tornando um dos personagens mais recorrentes dos folhetos, dividindo espaço com o Padre Cícero, com o Diabo e com os “amarelinhos” (João Grilo, Cancão de Fogo, Pedro Malasartes e etc.).

Ao abordar o cangaço, nessa forma literária, os poetas podem despertar empatia, simpatia e reflexão sobre as histórias das pessoas envolvidas no cangaço. Assim, com Arte e Expressão, os poetas populares têm a capacidade de transformar eventos históricos em obras de arte poética. A linguagem e as imagens evocativas do cordel permitem que os poetas expressem o impacto emocional e cultural do cangaço de maneira única.

Em resumo, a importância do poeta popular falar sobre o cangaço no cordel reside na preservação da história, na promoção da identidade cultural, na educação, na conscientização e na criação de uma conexão emocional entre o passado e o presente do Nordeste brasileiro. Nesse processo, “Transmitidas pelos cantadores, as vidas dos bandidos das caatingas fazem o povo do Nordeste palpitar de entusiasmo cem anos mais tarde. O sertão jamais esquece os seus cangaceiros célebres” (BARROSO, 2012, p. 47).

O povo nordestino tem uma tradição rica de leitura e apreciação de cordel sobre o cangaço. Os cordéis sobre o cangaço são poesias que contam histórias sobre as aventuras, lutas e personagens famosos como Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros notórios. Esses cordéis retratam tanto os aspectos heroicos, quanto os violentos desse período, celebrando a coragem dos cangaceiros, ou denunciando as injustiças e os conflitos sociais que levaram ao surgimento do cangaço. Ademais, os cordéis sobre o cangaço também podem ser encontrados em apresentações orais, onde os narradores, conhecidos como "cantadores", recitam as histórias em versos rimados, muitas vezes acompanhados de música. Essa tradição oral e escrita contribui para a preservação da memória do cangaço e da cultura nordestina de maneira geral. Para Robério Santos,

O Cangaço, a falta de água, o descaso político, o analfabetismo e outros tipos decadentes fatores, sempre maltrataram o sertanejo e foram matéria-prima para obras memoráveis e eternizadas

pelos gigantes imortais de nossa literatura regional, ou melhor dizendo, universal (SANTOS, 2023, p. 11).

É nesse contexto que, como será mostrado na primeira seção do desenvolvimento desta pesquisa, Lampião foi representado no cordel principalmente como um herói, tendo tomado para si o papel de paladino do povo, de vingador das camadas menos favorecidas economicamente, punindo aqueles que representavam tradicionalmente como opressores da população, como fazendeiros, políticos, maus patrões, policiais truculentos, etc. Para comprovarmos isso, traremos trechos de cordéis sobre o tema que reforçam a heroicização de Lampião.

Ato contínuo, na segunda e última seção do desenvolvimento deste trabalho, elencamos e comentamos fatores que ajudam a explicar a opção dos poetas populares em heroicizar Lampião, minimizando seus atos truculentos e exaltando suas generosidades para com o povo.

Para a consecução desses objetivos, dois construtos teóricos foram particularmente importantes para o desenvolvimento dos nossos argumentos: o conceito de “bandido social”, desenvolvido pelo historiador britânico Eric HOBBSBAWN, e o de “revanchismo poético”, trabalhado pela pesquisadora francesa Martine KUNZ.

Além dos dois teóricos, cabe ainda dar destaque à relevância que tiveram para esta pesquisa os nomes de Gustavo BARROSO (2012), Teoberto LANDIM (2005), Humberto MESQUITA (2021), Vera Figueiredo ROCHA (2015) e Francisco Jackson Martins VIEIRA (2012).

### **A heroicização de Lampião no cordel brasileiro**

A condição controversa da figura dos cangaceiros, em especial a de Lampião, é reforçada na literatura de cordel, quando a analisamos em um plano amplo, diacrônico. O que se observa em geral é inscrição dos cangaceiros nos extremos, ou seja, como heróis ou como bandidos. Emblemática disso é a oposição entre os lugares onde José Pacheco da Rocha e Rodolfo Coelho Cavalcante localizam a alma de Lampião, como deixam claro os títulos dos cordéis *A chegada de Lampião no Inferno* (s.d.), de José Pacheco da Rocha, e *A chegada de Lampião no Céu* (1959), de Rodolfo Cavalcante.

Entre os poetas populares que deixam claro sua oposição à figura de Lampião, alguns assim se posicionam devido a questões pessoais. É este o caso de Raimundo Santa Helena, cujo pai foi morto por cangaceiros do bando de Virgulino Ferreira, como ele declara no cordel *Lampião e o sangue do meu pai*:

Chegaram em Santa Helena,  
O ex-Canto do Feijão,  
Papai (com mamãe) gestante  
Foi cercado num instante.  
Mocinha caiu na tara...  
Jogaram minha mãe no chão  
E cuspiram em sua cara...

Pai, sozinho, foi dizendo:  
“Deus do Céu, que estais me vendo,  
Jamais atirei primeiro!  
Lutarei até vencer  
Lampião, que mata e esfola!  
Eu só salvo e dou esmola...  
Deus, olhai vosso guerreiro!”  
Deus deixou papai morrer.  
(SANTA HELENA, s.d., p. 6)

O poeta, entre outros textos, mostra em *CPI do cordel no país das mamatas* toda a sua aversão a Lampião, ao criticar o desejo do Presidente da Câmara Federal à época de erigir uma estátua na terra natal do rei do cangaço:

Inocência, Presidente  
Da Câmara Federal,  
Quer ter em Serra Talhada  
Um gigante pedestal  
Pra Lampião (Virgulino),  
Um estuprador cretino,  
Inimigo desleal. (SANTA HELENA, s.d., p. 14)

Embora menos incisivo em suas críticas, João Martins de Athayde, no cordel *Lampião em Vila Bela*, também acentua o caráter sanguinário de Lampião:

É um tormento horroroso  
Essa tal situação  
Da gente não poder mais  
Viajar pelo sertão  
Para encontrar no caminho  
Indo cair direitinho  
Nas unhas de Lampião.  
(...)  
Pedro diz: ele fez isso.  
Paulo conta: ele matou.  
Já outra chega espalhando  
Que Lampião assaltou  
Em uma propriedade  
Sem a menor piedade  
Deu surra e assassinou. (ATHAYDE, 1946, p. 1)

Outro poeta de referência que se posicionou contra Lampião foi Manoel Monteiro, como deixa claro em seu folheto *Lampião, herói de meia tigela*:

*Todo cordel produzido  
Com, ou sem inspiração,  
Mostrando a VIDA e os CRIMES  
Do facínora LAMPIÃO,  
Não soube, ou fez-se esquecido,  
Que só aplaude bandido  
Quem só admira ladrão.*

*Tem centenas de folhetos  
Sobre a vida dessa escória,  
Mas, se uns não dizem nada,  
Outros lhes cobre de glória;  
Sem pesquisa, se diluem  
E em nada contribuem  
Com subsídio pra a história. (MONTEIRO, s.d., p. 1)*

Cordéis que apresentam um retrato desabonador de Lampião (e de outros cangaceiros), todavia, constituem uma exceção, e não uma regra. No caso de Virgulino Ferreira da Silva, o que predomina, na poesia popular, é o retrato que o apresenta como paladino do povo, pois, sendo também do povo, consegue desafiar tanto os políticos, que costumam voltar as costas para a população desfavorecida, como os policiais, que servem à elite política e econômica. O poeta popular, assim, mostra-se em estreita sintonia com o entendimento do povo em relação a Lampião, que é visto como um vingador.

Exemplos de cordéis que se desenvolvem a partir desse entendimento são inúmeros. Inclui-se entre eles o *Encontro de Rodolfo Cavalcante com Virgulino Lampião*, de Rodolfo Cavalcante:

*Muitas coisas que se narram  
Em nome de Lampião  
São maldades levantadas  
Como lendas do sertão.  
Muitos dramas de fazendas,  
Mais da metade são lendas  
Da própria imaginação.*

*Foi Virgulino Ferreira  
Pobre homem injustiçado  
E por isto vingativo  
Se tornou um celerado  
Se a Justiça fosse reta  
Nem Jornalista ou Porta  
O teria decantado.*

*Lampião era um bom filho  
Nunca se pode negar  
Foi também bom companheiro*

Como pode se provar  
No epílogo da desdita  
Junto a Maria Bonita  
Os seus dias foi findar. (CAVALCANTE, 1983, p. 7)

Em outro cordel seu, denominado *Lampião não era tão cão como se pinta*, Rodolfo parte de um episódio (real ou inventado?) que envolveu um leproso para enumerar uma série de “virtudes” do rei do cangaço:

E a história do leproso,  
Quando Lampião pediu  
A ele um copo de água,  
Porém nada conseguiu,  
Pois o leproso mostrou  
Suas chagas que provou  
Tudo quanto Lampião viu.

O leproso bem sabia  
Por ter boa informação  
De tudo que praticava  
Virgulino Lampião,  
Não o quis contaminar  
E assim pôde mostrar  
O seu nobre coração.

Lampião nunca matou  
Cabra que tinha coragem  
Por mais que fosse inimigo  
Ele rendia homenagem  
Mas covarde nas mãos dele  
Fosse este ou fosse aquele  
Marcava a sua viagem.

Lampião nunca ofendeu  
A uma pobre donzela  
Se precisasse a matava  
Mas não possuía ela  
E se um cabra afoitasse  
Qualquer moça desonrasse  
Pagaria a honra dela. (CAVALCANTE, 1982, p. 7)

Os cordéis citados, no entanto, representam apenas uma ínfima amostra dos inúmeros que apresentam uma visão positiva em relação a Lampião. Nessa perspectiva, na próxima seção, apresentamos algumas possíveis chaves para a explicação dessa heroicização do bandoleiro Virgulino na literatura de folhetos.

### **Causas da heroicização de Lampião no cordel**

Há vários fatores que ajudam a explicar a opção dos poetas populares em privilegiar um retrato heroico de Lampião. Uma delas, como esclarece Hobsbawn em *Bandidos* (1975), tem a ver

com a dupla face dos cangaceiros: se, por um lado, se afirmavam através do terror, por outro, não são poucos os relatos que mostram ações generosas da parte de Lampião (e de outros cangaceiros) em relação a indivíduos economicamente desfavorecidos. Exemplo é o cordel *O presente de Natal de Lampião*, de Arievaldo Viana, no qual, na véspera de Natal, em vez de matar um vendedor de farinha que incomodava seu sono, Lampião obriga todos seus capangas a comprar o produto do homem com o fim de ajudar os filhos do vendedor:

Lampião disse a seus cabras:  
“Mandem esse povo comprar  
Toda a farinha do homem  
Do preço que ele cobrar.  
A ele não façam mal.  
É o presente de Natal  
Que aos seus filhos vou dar.”

O povo acorreu depressa  
Para comprar a farinha.  
Em menos de meia hora,  
Foi-se o estoque que tinha...  
Quando Lampião morreu,  
O pobre se comoveu,  
Rezou até ladainha. (VIANA, s.d., p. 8)

O cordel, assim, foi durante muito tempo um propagador de reais ou fictícias ações benevolentes de Lampião. Nesse processo, ajudou a construir no imaginário do povo uma visão que, se não heroicizava completamente, ajudava a minimizar as ações violentas dos cangaceiros. Sobre essa questão, convém lembrar que,

Denominado como justiceiro social, [Lampião] foi o cangaceiro que mais acendeu a imaginação popular. Decidiu viver como um bandido quando a polícia matou seu pai, José Ferreira da Silva. Deste dia em diante Lampião e seu bando não perdiam oportunidades de cometer violências com fazendeiros e seus gados. Eram das mais cruéis, estupro, corte de orelha, morte lenta e outros. Embora fosse considerado um bandido sanguinário, criou raízes fortes no imaginário do povo, transformou-se em um herói pela sua valentia cangaceira. (VIEIRA, 2012, p. 15)

De fato, apesar de não deixarem de mostrar as ações violentas de Lampião, os poetas populares também difundiram relatos de atos generosos da parte do rei do cangaço.

Ainda recorrendo à citada obra de Hobsbawn, cabe destacar que figuras como a de Lampião (que, *mutatis mutandis*, lembra muito a condição dos traficantes de drogas nos morros cariocas e em comunidades carentes de todo o Brasil) só se podem desenvolver em sociedades em que ordem e desordem, lei e crime, se confundem. Dito em outras palavras: à época de Lampião (e, infelizmente, ainda em nossos dias), a ação policial não se distinguia muito da ação dos cangaceiros (Cf. LANDIM, 2005, p. 264), com a vantagem para estes últimos de promoverem atos que agradavam



o povo, como distribuição de alimentos, realizações de festas etc. Nesse processo, com desconfiança e medo da polícia, o povo preferia ficar ao lado dos cangaceiros. Até mesmo fazendeiros, que ganharam o nome de “coiteiros”, preferiam dar abrigo a Lampião do que a ele fazer frente.

Cabe destacar que a opção dos cordelistas de heroizar Lampião, opondo-o à elite, dona da polícia violenta e que normalmente despreza a camada pobre, acaba reforçando a ideia defendida por Martine Kunz de que o cordel é uma espécie de “revanche poética”:

A virtuosidade e talento dos poetas populares do Nordeste brasileiro eclodiram e persistem nessa região cuja cronologia é a das secas e das inundações, das grandes fomes históricas, ou das fomes mudas, cotidianas e crônicas, onde o analfabetismo e o subdesenvolvimento econômico sustentam um ao outro, onde a fome de pão muda em fome de vida e a espontaneidade poética parece nascer da dificuldade de sobreviver (...). Mas, ainda que exprima de modo espontâneo uma crítica social, sem palavras de ordem que coalizem, o poeta oferece ao seu público, através de seus versos, uma forma de revanche poética. (KUNZ, 2001, p. 60)

Lampião, pois, castiga representantes de classes e grupos sociais que sempre oprimiram o povo – fazendeiros, maus sacerdotes, péssimos patrões, policiais facínoras etc. Nesse sentido, se alinha com os chamados “amarelinhos”, como João Grilo, Cancão de Fogo, Pedro Malazartes etc., que também se vingam dessas figuras, embora utilizando outra arma: a astúcia. Também se pode incluir nesse grupo de vingadores o louco da peça *O auto da barca do Inferno*, de Gil Vicente, que se vale da liberdade que a loucura lhe dá para zombar de figuras da elite.

A condição de Lampião como vingador do povo reafirmada pelos poetas populares, a propósito, não se limita ao plano terreno: como se lê em cordéis como *A chegada de Lampião ao Inferno*, publicado originalmente pouco tempo após a morte do rei do cangaço, Lampião também enfrenta (e derrota) os demônios, inimigos da alma do povo:

Lampião pegou um seixo  
E rebolou-o num cão.  
Mas o quê? Arrebentou  
A vidraça do oitão.  
Saiu um fogo azulado,  
Incendiou o mercado  
E o armazém de algodão.

Satanás com esse incêndio  
Tocou no búzio chamando.  
Correram todos os negros  
Que se achavam brigando.  
Lampião pegou a olhar;  
Não vendo com quem brigar,  
Também foi se retirando.

Houve grande prejuízo

No Inferno nesse dia.  
Queimou-se todo o dinheiro  
Que Satanás possuía.  
Queimou-se o livro de pontos,  
Perdeu-se vinte mil contos  
Somente em mercadoria. (ROCHA, s.d., p. 7)

Uma outra explicação para a heroicização de Lampião diz respeito à causa que o levou a entrar no cangaço: a vingança pela morte do pai, José Ferreira da Silva, por policiais a serviço de Zé Saturnino, um fazendeiro, que queria ficar com as terras que pertenciam aos Ferreira. Esse episódio, relatado pela maioria dos cordelistas que tratam da vida do rei do cangaço, é assim descrito por Gonçalo Ferreira da Silva no cordel *Lampião, o capitão do cangaço*:

Ensurdecador tropel  
Por tiroteio mesclado  
Ouviu-se em torno da casa  
Com o triste resultado:  
José numa grande poça  
De sangue quente deitado.

Naquele sombrio dia  
De tanta desolação,  
De tanta revolta e ódio,  
Nascia para o sertão  
O nosso famigerado,  
Destemido Lampião.

Juntou-se ao grupo voraz  
De Sebastião Pereira  
Seu mais feroz precursor  
E assim os irmãos Ferreira  
Formaram a endiabrada  
E mas cruel cabroeira. (SILVA, 1993, p. 7)

Nesse pormenor, cabe destacar que, na forma muito própria de relação do povo com o sagrado, enfeixada sob a denominação genérica de Religiosidade Popular, a vingança (ao contrário do que ensina a Bíblia) é legitimada. Ou seja, uma vez desonrado, o herói recebe da parte do povo “carta branca” para se vingar.

Ainda no terreno religioso: muito do “perdão” popular à figura de Lampião advém do respeito e submissão do cangaceiro ao padre Cícero, tido como santo milagreiro. Tanto é assim, que muitos cordelistas trataram do encontro, em 1926, entre Padre Cícero e Lampião, ocasião em que o sacerdote concedeu a patente de Capitão ao rei do cangaço com o fim de este liderar suas tropas bandoleiras contra os integrantes da Coluna Prestes, que então cruzavam o Nordeste. Esse episódio

é destacado, entre outros autores, por Antônio Teodoro dos Santos no cordel *Lampião, o rei do cangaço*:

Viajou ao Ceará  
Foi até Juazeiro  
Onde estava o Padre Cícero,  
Pregando a todo romeiro  
E disse assim: – Meu Padrinho,  
Vim pedir vosso carinho  
Pois tornei-me um bandoleiro!

Esse santo patriarca  
Por medo ou proteção,  
Mandou dar-lhe um documento  
Patente de Capitão.  
Ditou mais duas patentes,  
Nomeando dois tenentes:  
Sabino e seu irmão. (SANTOS, 2010, p. 2)

Já no tocante à relação de submissão de Lampião ao Padim, esta é assim descrita por Hamurábi Batista no cordel *A oração de fechamento de corpo que Padre Cícero deu a Lampião*:

Padre Ciço era padrim  
De Virgulino, o capitão.  
Dela queria um bem,  
Pois defendia o sertão.  
E o sertanejo dizia:  
“Padre Ciço é nosso guia  
E depois só Lampião!”

Se padre Ciço pedisse,  
Lampião logo atendia.  
Se um pobre precisasse,  
Virgulino socorria.  
Daquilo que assaltava  
Gastava quanto juntava  
E o resto distribuía.

Padrim Ciço, vendo aquilo,  
Deu a ele uma oração  
Pra fechamento de corpo  
Pela própria devoção.  
E o povo dizia isso:  
“Depois de Padrinho Ciço,  
Na terra só Lampião!” (BATISTA, 1990, p. 5)

Para além dessas explicações de ordem sociológica, importa destacar que o cangaço, estilo de vida adotado por Lampião e seu bando, era algo que intrigava e fascinava as pessoas da época. A luta contra a opressão, a busca por justiça fora dos limites da lei e a imagem de líder carismático de Lampião atraíam a atenção da população e se encaixavam bem nas narrativas do cordel, que, muitas vezes, glorificavam heróis e anti-heróis. Nesse processo, os poetas populares, captando a

mentalidade da população, deixavam claro seu entendimento de que “os cangaceiros eram mitos, eram valentes e corajosos e essa valentia é ainda hoje uma qualidade muito apreciada pelo nordestino. Lampião era para muitos um herói, mas antes de tudo era um homem com muita coragem, um verdadeiro cabra macho” (MESQUITA, 2021, p. 348).

### **Considerações finais**

No amplo universo temático do cordel, alguns assuntos, de tanto serem visitados pelos poetas, acabaram ganhando um ciclo autônomo na literatura popular.

O cangaço, fenômeno social que se desenvolveu entre 1860 e 1940 principalmente no Nordeste, constitui um dos ciclos temáticos mais importantes do cordel brasileiro. Tanto é assim que, até hoje, Lampião é um dos personagens mais recorrentes do cordel, dividindo espaço com o Padre Cícero, com o Diabo e com os “amarelinhos” (João Grilo, Cancão de Fogo, Pedro Malasartes, etc.).

Embora a vida de crimes de Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, Corisco e outros cangaceiros famosos tenham sido objeto de análise pelos poetas populares em suas obras, sem dúvida foi Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938) o que mais foi discutido na literatura de cordel. E, como vimos através da apresentação de trechos de cordéis de referência sobre o tema, o retrato do rei do cangaço no cordel foi geralmente marcado pela exaltação do cangaceiro, esposo de Maria Bonita.

Aqui, apresentamos alguns aspectos que ajudam a explicar essa heroicização de Lampião. Para tanto, dois construtos teóricos foram importantes para o desenvolvimento dos nossos argumentos: o conceito de “bandido social”, desenvolvido pelo historiador britânico Eric Hobsbawm, e o de “revanchismo poético”, trabalhado pela pesquisadora francesa Martine Kunz.

Longe de esgotarmos a discussão, esperamos que este breve trabalho possa servir de fonte pelos pesquisadores interessados nessa área de estudos, que são muitos, pois, mesmo após mais de oitenta anos do fim do cangaço, este tema continua produzindo uma prolífica fortuna crítica.

### **Referências bibliográficas**

BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos: os cangaceiros do Nordeste**. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC, 2012.

CARDOSO, Tânia Maria de Souza. **Literatura de cordel sobre o cangaceiro Lampião**. Mossoró: UERN, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

KUNZ, Martine. **Cordel**: a voz do verso. Fortaleza/CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 6).

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno – uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador. Fortaleza: UFC, 2005.

MESQUITA, Humberto. **Raízes do cangaço**. São Paulo: Oxente, 2021.

ROCHA, Vera Figueiredo. **Cangaço**: ecos na literatura e cinema nordestinos. Fortaleza: Premium, 2015.

SANTOS, Robério. **77.15.32**. Itabaiana-SE: Infographics, 2023.

VIEIRA, Francisco Jackson Martins. **A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da literatura de cordel**. Dissertação de Metrado em Literatura Comparada. Fortaleza: UFC/Programa de Pós-Graduação em Letras, 2012.

### **Cordéis consultados**

ATHAYDE, João Martins de Athayde. **Lampião em Vila Bela**. Recife: Casa Athayde, 1946. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/52406>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BATISTA, Hamurábi. **A oração de fechamento de corpo que Padre Cícero deu a Lampião**. Juazeiro do Norte: Do Autor, 1990.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A chegada de Lampião no Céu**. São Paulo: Prelúdio, 1959. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/47542>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Encontro de Rodolfo Cavalcante com Virgulino Lampião**. 2 ed. Salvador: Do Autor, 1983. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/48445>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Lampião não era tão cão como se pinta**. Salvador: Do Autor, 1982. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/49493>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MONTEIRO, Manoel. **Lampião, herói de meia tigela**. Sem dados. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/manoel-monteiro/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROCHA, José Pacheco da. **A chegada de Lampião no Inferno**. São Paulo: Prelúdio, s.d. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/29895>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTA HELENA, Raimundo. **CPI do cordel no país das mamatas**. Rio de Janeiro: Do Autor, s.d.-1. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/39385>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTA HELENA, Raimundo. **Lampião e o sangue do meu pai**. Rio de Janeiro: do Autor, s.d.-2. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/39930>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Lampião, o rei do cangaço**. São Paulo: Luzeiro, 2010.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lampião, o capitão do cangaço**. Rio de Janeiro: RALP, 1993.

VIANA, Arievaldo. **O presente de Natal de Lampião**. Fortaleza: Flor da Serra, s.d.